



# Gaiato



**PORTE PAGO**

Quinzenário • 18 de Novembro de 1989 • Ano XLVI — N.º 1192 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## CRIANÇAS ABANDONADAS

Uma das medidas muito prezas pelas técnicas que se ocupam de crianças vítimas de abandono ou maus tratos, é a entrega delas a famílias dispostas ao seu acolhimento.

Muito bem. Isto significa o consenso geral sobre a importância da Família como o meio em que a criança pode crescer normalmente. Meio único; e por isso mesmo só substituível por outra família sempre que a de sangue não funciona.

Folgo com o consenso. Desde há sessenta anos, na medida em que Deus ia iluminando o caminho que lhe abria para a consumação do sacerdócio então recebido, Pai Américo assim pensou e agiu numa Obra que pretende e procura ser «família para os sem-família». E sempre doutrinando,

pelo exemplo e pela palavra, que a este objectivo se deviam converter as instituições congéneres.

### A ANTIGA «RODA»

Todavia, nem a ideia é nova! Há muitos mais anos, a antiga «Roda» vinha praticando a colocação familiar para as crianças que nela eram deixadas. Talvez a regra fosse mais medida administrativa do que fruto de uma consciência da solidariedade devida à criança. Nem sei se haveria critério na escolha das famílias de acolhimento. Tratava-se, geralmente, de gente pobre, motivada mais pela pequenina tença a receber em troca do acolhimento, do que pelo ideal de dar futuro à criança acolhida, para o que nem a tença dava nem a família acolhedora

tinha preparação. Ainda convivi com alguns rapazes vindos desta origem, tão marcados pelo abandono primitivo como pelo vazio de afecto, quando não mesmo pela exploração de que eram alvo durante o acolhimento.

E hoje, que a «Roda» não existe e se multiplicam assustadoramente os casos de abandono e maus tratos que a motivaram; hoje, que o julgamento e encaminhamento de tais casos dependem de técnicos com outra preparação e responsabilidade — haverá critério? Não será ainda numa tentativa de alijar carga que se processam muitas colocações familiares? Talvez uma cedência à tentação de resolver por estatística o problema multifacetado de uma relação humana...

É que uma coisa é a excelência teórica da solução; e outra, a realidade prática. Infelizmente a regra não é a abundância de famílias autenticamente motivadas, conscienciosamente preparadas para um tal acolhimento. Antes fosse!... Mas a verdade é que o lançamento deste tipo de resposta ao drama de tantas crianças carecidas de bafo familiar, passa «por uma gigantesca campanha de formação a todos os níveis, que leve

os membros da sociedade a terem vergonha de si próprios, ao verem que muitos dos seus mais novos e, por isso, mais indefesos, não têm nada nem ninguém que eficazmente os apoie» — palavras do editorialista do Diário de Notícias já citado nestas colunas.

Pois que não há regra sem excepção, haverá famílias que

preenchem tais condições... Mas são tão raras que importa que os propagandistas desta receita comecem por confessar honestamente a dificuldade de a aplicar e, prioritariamente, se empenhem na tal «campanha gigantesca» de impregnar desta consciência de solidariedade a generalidade dos seus concidadãos.

«TÉCNICO É AQUELE QUE AMA»

É que uma criança carente de meio familiar saudável, necessita de estabilidade afectiva que não se compadece com colocações provi-

Cont. na página 4

## NOTAS DA QUINZENA

POBRES — Vai tal qual me chegou às mãos. Não tiro nem acrescento palavras:

«Hoje veio falar-me uma mulher com um filho pela mão. O rapaz tem 10 anos. Não fala. Não come nem se veste sozinho. Onde está... dá liberdade total aos intestinos!!! O pai é cego. Vieram do Brasil, há anos, já carregados com esta cruz. A Segurança Social dá 4 contos e pico de três em três meses. O pai já foi à junta médica para ter reforma. Não lha dão porque ainda vê alguma coisa. Passam fome. A mãe quer trabalhar, mas está impedida pelo filho e pela situação do marido.

Pedi-lhe o filho. Chorou e disse-me que não. Eu gostei da atitude da mãe e chorei com ela este Mistério.

O que lhe podemos fazer? Faça uma 'Nota da Quinzena' com o Marcos. É assim que se chama o rapaz.»

Continua na página 3

## SETÚBAL

• Andamos em maré de tribunais.

O tempo outonal parece calmo; mas, cá em Casa, não é: Quase todos os dias surge matéria para julgamento.

No fim do jantar, com a malta toda de estômago bem aconchegado, e a sala cheinha de gente, o chefe-maioral pede licença para mandar calar e chama os réus ao centro: Os que se «jogaram», hoje, às tângeras... Os que fugiram do trabalho. Os que partiram isto ou aquilo. Os que não foram à Escola ou fugiram dela. Os que chegaram tarde. Etc.

Todas as noites há delitos para apreciar.

Delicio-me, vivendo estes maravilhosos espectáculos onde tudo são olhos, ouvidos e o silêncio se impõe pelas circunstâncias espontâneas. Delicio-me, sim, porque a Justiça é imanente e brota da consciência de cada um, pura e natural como nos tempos da Criação.

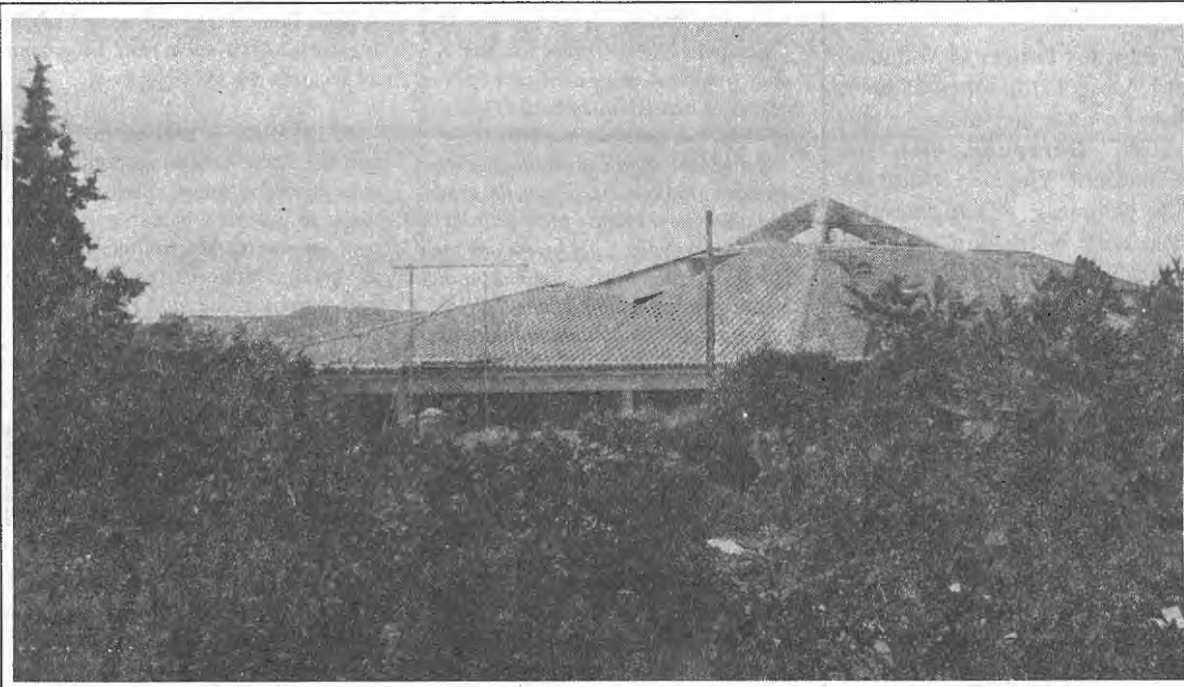
O Padre Américo apercebeu-se desta realidade nos primórdios da Obra e, no decorrer dos anos, temo-lo verificado em autênticos ensaios de laboratório.

### O SENTIDO APURADO DA JUSTIÇA

As crianças e os jovens gozam do sentido apurado da Justiça. Muito mais do que os adultos, roídos pelo egoísmo — que só vê a sua parte — infectados por um ambiente cultural adulterador da fraternidade e pela ambição que pende sempre a favor de quem, tendo mais dinheiro, melhor posição social e mais astúcia, maneja facilmente os cordelinhos da sua defesa.

Aqui, não! A fraternidade é basilar. Impera livremente, sem atavios, como a força irremovível das leis naturais.

Continua na página 3



A Capela da Casa do Gaiato de Lisboa — Santo Antão do Tojal (Loures) — está em acabamento.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

• Aquela viúva, aqui referida, com necessidade de pagar ao senhorio, pelo S. Miguel, trinta contos de renda (anual) da moradia que habita mais os seus, tem a carência resolvida pelos nossos leitores. Graças a Deus!

• O problema da Habitação é tão grave que nos parece haver muitas consciências (responsáveis) adormecidas por outros investimentos economicamente mais rendíveis à economia nacional, ao País — diriam.

Não faltam teorias no capítulo da Habitação; algumas, bem equacionadas para o nosso grau de conhecimento em matérias que, por vezes, nos transcendem. Planos, ideias, bonificações (ao sabor das marés...), etc. Não passamos disto!

Quem anda no rés-do-chão, em contacto directo com as necessidades, com muita gente ocupada na Autoconstrução, chega à conclusão (certificada) de que, não fosse a dita Autoconstrução espontânea, as terras do Vale do Sousa, pequenina parcela da Nação, sofreriam carências abismais no sector da Habitação — sem ajudas de ninguém, excepto «pequenos auxílios», em grande parte entregues pela Obra da Rua, por intermédio dos párocos ou das Conferências Vicentinas.

Se, até agora (os terrenos urbanizáveis são muito caros e escasseiam...), informalmente, os trabalhadores e rendeiros têm procurado correr o risco num empreendimento doloroso — bole com a saúde física e psíquica dos próprios agregados familiares (quem duvida?) — que seria se toda a legislação sobre Autoconstrução, encadernada nos *Diários da República*, fosse divulgada, explicada e não houvesse resistência passiva à sua aplicação!

Que revolução pacífica se poderia operar, neste sector, no interior do País,

## Livros de PAI AMÉRICO

**Pão dos Pobres** (4 volumes; o 2.º, esgotado); **Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato** (2 volumes); **Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina** (3 volumes); **Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.**

**DOUTROS AUTORES:** Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista (esgotado); **A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida**, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo Ferraz.

especialmente nas regiões intermédias, se os municípios pusessem ao dispor dos municipais loteamentos (infraestruturados) a preços proporcionais ao rendimento per capita das famílias de Autoconstrutores! Mais: Se, nestes casos, se despojassem da usura de taxas e licenças necessárias...; se abrissem os D. R. e, por eles, as gavetas dos sectores de obras, e fornecessem projectos aprovados; mesmo que tivessem de admitir mais técnicos de construção civil para acompanhar, em campo, todo o capital humano — e não só — que atinge, por vezes, as raias do Heroísmo!

Estas indicações (há mais...) são largo campo d'acção para os responsáveis, sem colidirem com as pessoas, mas dando-lhes a mão, aplicando a legislação — para que produza! Certo é: legisla-se e, depois..., lavam as mãos — como Pilatos. Tem de haver princípio, meio(s) e fim!

Um recente estudo da Federação Europeia da Construção — divulgado entre nós pela Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul (AECOPS) — afirma peremptoriamente: «Construir 725 mil casas, mais do que duplicar a rede viária e aumentar em cerca de 50% a rede ferroviária é o que Portugal deveria fazer para alcançar os níveis europeus nestes campos». No entender da AECOPS os investimentos não se fazem para atingir médias; mas, a constatação destas diferenças permite «quantificar a situação de desvantagem em que se encontra a economia portuguesa e o desconforto da população portuguesa». Não somos só nós a ver e a estudar. Valha-nos Deus!

**PARTILHA** — Baguim do Monte (Rio Tinto), 1.200\$00 «para a renda de casa duma viúva». Há quantos anos este amigo se lembra de acudir a um estrato da população sacrificadíssimo — as Viúvas!

Praceta Florbela Espanca, 900\$00 e muito mais esta Amiga tem para nos dar — em proveito do Próximo!

1.150\$00, da assinante 9708, de Coimbra, «para umas pessoas idosas». Cumprimos.

Assinante 113, da Cidade Invicta, quinze contos «em data que desejo assinalar (33 anos da morte de meu pai), pequena achega para os meus irmãos mais carenciados. É pouco para as necessidades existentes e para o que o meu coração gostaria de ajudar, mas este mês tive grandes despesas e, por isso, espero, num futuro próximo enviar um pouco mais».

Setúbal: «Envio o meu cheque — é muito pouco — para os vossos Pobres, oferta de muito boa vontade. Deus vos ajude». E à senhora, também.

Amadora: «Um cheque de cinco mil escudos. Faço-o em acção de graças por uma que a infinita Misericórdia do Senhor concedeu a um jovem que me é muito querido. Peço anonimato e não se incomodem a agradecer».

Assinante 275, de algures, mais cinco notas de mil «para aplicarem no que melhor entenderem» — por uma intenção urgente. Pai Américo intercede. Deus escuta!

O costume, de Santa Cruz do Douro, e a amizade de sempre. Outra vez, terras do Sado e uma promessa: «Quando começar a receber o aumento da pensão, também vou mandar mais, pois me sinto obrigada: se Deus me dá mais, é para dar — assim manda a minha consciência. Sinto um carinho muito especial pelos Pobres do Norte de Portugal, decerto porque nasci na linda cidade de

*Amarante, meu marido é do Marco de Canaveses e, assim, o nosso pensamento anda sempre por aí. Peço a bênção de Deus para todos e para a Obra gigante de Pai Américo. Sou avó de cinco netos». Que riqueza!*

Tavira: «Cinco mil escudos para os nossos Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Sublinhamos o possessivo «nossos»: Partilha e comunhão!

Um excesso da assinatura d'O GAIATO, pela mão de Amigo, em Cortegaça; mais cinco contos «de Mizinha, por uma intenção particular». Porto: mil escudos, da Rua Infanta D. Maria, e promessa de ajuda para a renda de casa duma viúva.

Vultosa presença material da assinante 31104 — há quantos anos! — destinada a alguns casos prementes, cujas necessidades alivia com muita generosidade. Pede: «Rezem por mim». Cumprimos.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## MIRANDA DO CORVO

**ALIMENTAÇÃO** — O João Aurélio foi à nossa Casa do Tojal buscar uma carrada de iogurtes para a sobremesa das nossas refeições. De há uns dias para cá, a comida tem sido feita no fogão a lenha devido à situação em que se encontra o fogão a gás: avariado. Estão a arranjá-lo. Mesmo assim, a confecção da comida no fogão grande, a lenha, fica muito saborosa.

**PLANTAÇÕES** — Há um tempo atrás, o nosso muro por detrás das oficinas foi acabado. Andou por lá o Neca, da Casa de Paço de Sousa, a ajudar a plantar árvores muito bonitas: cedros, austrálias e, também, arbustos. Num dia deixámos tudo bem arranjado e bonito!

**OBRAS** — Os pedreiros andam a reparar uma casa para alojar gaiatos ou casais amigos da nossa Obra que queiram ficar uns dias connosco. Também se preparou um lugar arborizado e umas mesas para quando recebermos excursões, poderem trazer farnéis e estarem à vontade. Apareçam! Esperamos que gostem deste lugar aprazível.

**ESTUDANTES** — Alguns estudantes, de Coimbra, frequentam o curso da Aliança Francesa; e, outros, na Casa de Inglaterra. Aproveitem bem! Façam por alcançar os vossos objectivos.

**AZEITONA** — Pelo vento que nos tem flagelado, caiu muita azeitona. Os mais pequenos, quando saem da escola, vão logo, a correr, buscar latas e sacos para apanhar o precioso fruto. Este ano, as oliveiras estão carregadas! É bom para termos azeitona todo o ano!

Serafim e Ângelo

## PAÇO DE SOUSA

**VISITANTES** — Tantas visitas! Principalmente nos últimos dias de Outubro. Pessoas de todo o lado vêm à grande festa do S. Simão e não esquecer o ar puro da nossa Aldeia.

«Nós somos a Porta Aberta!»

**OBRAS** — O nosso refeitório foi renovado e tem muito melhores condições para a comunidade.

O edifício onde esteve a nossa tipografia também sofre alterações para o aproveitamento escolar dos nossos rapazes que frequentam o Ensino Básico. Os alunos são muitos — e as salas eram poucas!

**AGRICULTURA** — Após a grande tarefa da silagem, os campos foram lavrados para sementeira da erva, nos lameiros.

**VACARIA** — No fim do mês de Outubro nasceu mais uma vitela! É muito bonita e não pode dormir com as visitas que recebe...!

«Andorinha»

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — «Há só uma fonte de receita perene e abundante, com força de santificar os interessados: Chorar com os que choram. Fora disto, é tudo mentira.

As Conferências de S. Vicente de Paulo não podem mostrar saldos positivos; os confrades são obrigados a distribuir tudo quanto recebem. Não podemos copiar as contas públicas. Não podemos usar a prudência do mundo. Temos de chorar com os que choram.» (Pai Américo)

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — «Em resposta ao apelo feito n'O GAIATO, venho trazer estes cobertores, lençóis e uma colcha para a Con-

## IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

ferência de S. Francisco de Assis.» É a assinante 9072.

Da Holanda: «Como sempre, aqui venho para enviar o cheque de 7.000\$00 para o leite dos meninos da sr.ª Lurdes — assinante 47167. Dez mil escudos, para a casinha de Miragaia. Três mil, para um mês de leite de uma criança. Mais mil, de M. Beatriz, para uma necessidade. Assinante 7969: «Por vale postal, 10.000\$00 para a sr.ª Alzira». Assinante 39190: «Caros confrades: Envio, nesta data, em vale do correio, a quantia de 1.800\$00 referente ao último trimestre deste ano. Como sempre, destina-se ao leite das gémeas. Um abraço fraterno da vossa irmã em Cristo, M. B.»

«Ao ler o jornal O GAIATO, resolvi aderir a esta campanha para os Pobres. Aqui envio o donativo de 1.000\$00. Obrigada pela oportunidade que tive de poder ajudar alguém — ainda que com muito pouco» — de alguém de Barreira de Jales.

«Peço o favor das vossas orações pelas minhas intenções. Envio cinco mil escudos para ajudar alguma família pobre» — M. C., de Alcanena.

Bem hajam pela ajuda que nos dão.

Casal vicentino

## RECORDAR

• Em Miranda do Corvo permaneci 40 dias (de 7/7/43 a 16/8/43). Proveitosa adaptação à vida duma nova Família que aumentou no rodar dos anos: a Obra da Rua.

Grande alegria, quando Pai Américo dá sinal de mudança — rumo a Paço de Sousa — ao encontro do meu irmão, o Amadeu «Elvas!» — Ele não sabe... Tampouco da tua presença, aqui!

Os olhos arregalaram... Crescia a natural ansiedade, num garoto de treze anos, por alguém do mesmo sangue! Aliás, Pai Américo tinha — teve sempre — a intuição da Família. Pai adoptivo de crianças sem eira nem beira — de famílias destroçadas de muita forma e feitio.

Após conversa passageira («Eu sou um fugitivo» — diria...), a notícia correu entre os companheiros, gerando curiosidade: a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo alfofre de pioneiros da recém-fundada Aldeia dos Rapazes, em Paço de Sousa.

Nas horas de trabalho, nos serviços domésticos (muito apurados: pequenino grupo em lar pequenino), ou nos tempos livres, a malta buzina também sobre outros dois gaiatos que marchariam, connosco, na segunda leva para terras de Egas Moniz.

• Entretanto, as celebrações de preceito na igreja paroquial e o ensino da doutrina cristã ficam na memória do adolescente, já marcado pela formação ministrada pelas religiosas que pontificavam no Colégio Luso-Britânico (ao cimo da rua da Figueira, na cidade raiana, onde meninas-bem frequentavam o ensino secundário), muito rente às muralhas que nos defenderam de **nuestros hermanos**. Abarca vasta panorâmica: do Forte da Graça à planura que se perde até Badajoz, Olivença... Aliás, situado uns passos acima da residência que meu pai alugara e próxima, ainda, do Instituto fundado por D. Maria Carneiro — das Concepcionistas — Serva do Senhor que largara a burguesia e se doara aos Pobres, a Deus, à Senhora da Conceição — padroeira dos alentejanos. (Cónego José Maria: dê mais um louvor à Mãe do Céu, no Santuário de Vila Viçosa — pelo amor dos alentejanos à Virgem que gerou o Filho de Deus.)

É de recordar, no parêntesis, mais imagens doutros tempos: os olhos de criança fixaram, das muralhas, para sempre, Badajoz em chamas... Noutras ocasiões, grupos de castelhanos a perorar: — **Tiengo ambria...!**

Saibam os mais jovens quanto os mais velhos passaram, também, com as enormes carências motivadas pela última guerra mundial: Tudo racionado! Mercado negro! Bichas! A fome...! Livrámo-nos da tragédia — graças a Deus; mas sentimo-la no corpo. E de que maneira!

Júlio Mendes



# JANELA ABERTA

Local — sagrado: A Capela da nossa Aldeia. Beleza na simplicidade!

No centro, o Centro: Jesus no sacrário.

Altar: Pedra esculpida por artistas da *civilização do granito*.

Por cima, na parede: Um painel de azulejos. Rico! Sugestivo: Jesus de Nazaré sentado numa pedra, rodeado de crianças (*«Vinde a Mim...»*). O anjo da guarda e o maligno nos caixilhos laterais.

Imagens — só duas: A Virgem e Francisco de Assis.

Na janela: Magnífico vitral com a profundidade e grandeza do pelicano.

Canto esquerdo: Os restos daquele a quem Deus deu a Graça de ser o pelicano dos Pobres — Pai Américo. Jaz em campa raza, cruz emersa na laje de granito — o seu emblema — e só como «epitáfio»: *Américo Monteiro de Aguiar, presbítero*. Nem dia nem ano nem mais nada, que o Tempo não se mede aos palmos!

É o cenário onde procuramos aprender os Mistérios e Verdades da nossa Fé.

Noutros locais da nossa Aldeia, mais grupos em acção.

Nesta matéria, não há mestres nem alunos. Mestre é só um: Cristo Jesus! Aliás, a grande pedagogia de

Pai Américo fundamenta-se nesta filosofia: Todos temos que dar ou receber uns dos outros.

Porque assim é, no último encontro, a folhinha de Catequese centra-se em *«Maria, nossa Mãe»*, com trechos de S. Lucas e S. João — *«o discípulo bem amado»*.

À maneira de prólogo — para que todos nos situássemos — lembrámos Pai Américo no canto direito da Capela a orar: a comunicar, a falar, desabafar e, por que não?, a «ralhar» com o Pai do Céu. Fosse pela Obra no seu todo, fosse por qualquer um em particular: *«Eles são mais Teus do que meus»*.

Assim preparados, cada um dos presentes (e eram 9) papel e caneta em mãos, redigiram pelo seu punho, de coração aberto, *«uma oração a Maria — nossa Mãe»*.

Quando as recolhemos, em silêncio, ficámos vergados com a sua riqueza, beleza e profundidade! Tanto, que dispusemos cada um proferir a oração por sua própria boca — sem respeito humano — d'alma aberta.

Uma hora alta!

Queríamos transcrever todas, pela diversidade na unidade. Mas o «Pinguim», sem desprimor para os demais, sumariza tudo — de todos:

*«A nossa Mãe do Céu foi sempre boa para nós. Temos que ajudar os Outros — como o Senhor ensinou. Temos que dar grande valor ao que Ele nos ensinou. Nossa Senhora disse para seguirmos o Caminho do Pai. Foi, assim, que Ela nos ensinou a amar»*.

Que diria Pai Américo...!?

Júlio Mendes

## CARTAS

*«Junto um cheque para a assinatura que herdei da minha avó.*

*Deus queira que a vossa Obra chegue, ainda em minha vida, ao Alentejo; e, finalmente, ao Algarve. Assinante 20401»*

*«Recebi uma ajuda extra da Assistência Social para melhoramentos na casa, que é velha, e para adquirir vestuário e o meu primeiro pensamento foi: 'Agora já posso mandar alguma coisa para eles'. 'Eles' são os meus irmãos mais pobres — companhias constantes na minha vida, sem os quais não posso passar.*

*Não ponham o meu nome no jornal! Não é ingratidão da minha parte. Sinto-me envergonhada quando dou com os olhos na minha pessoa...*

*Além disso não mereço: Primeiro, porque entendo que tenho obrigação de repartir com o meu*

# SETÚBAL

Cont. da página 1

Ao sábado, depois do almoço, os da limpeza têm de carregar a roupa suja dos balneários para a lavandaria. É uma tarefa urgente. Inadiável.

O chefe dá ordens. Como a tarde é de relaxe e urge, por isso, aproveitar todos os minutos para a brincadeira, a obrigação faz-se num abrir e fechar de olhos.

As tinas da roupa, quase do tamanho deles, devem ser carregadas por dois — pegando cada um na sua asa. Todos sabem; mas, para ser mais depressa, quantas vezes os apanho enjugados sob as ditas num esforço titânico.

De regresso, com as vazilhas na mão, sem nada, «Pichuta» e Gilmar travam-se de razões. Têm dez anos e uma história passada, das mais trágicas e apaixonantes. Talvez por isso, ou pelo facto de os ter criado desde pequeninos, nutro por ambos um enlevo especial. O coração gera amarras que, às vezes, não sabemos explicar. «Pichuta» gozou com o Gilmar. Este ripostou com um dito jocoso, desagradável àquele... e... pronto... «Pichuta» mandou-lhe com a tina... Gilmar desvia-se. Aquela, nas pedras da calçada... parte-se.

A VERDADE DOS NOSSOS TRIBUNAIS

À noite, há tribunal. Depois de fazer silêncio, na sala mais linda e mais apetecida da Casa — o refeitório — com o vaso grande partido ao pé de si, o chefe interroga a comunidade: — **Quem partiu esta tina?!**

Arrastando as cadeiras, num ronco característico e habitual, os réus levantam-se prontamente e põem-se ambos no meio — juntos ao maioral.

— **Como foi isto!?** — indaga o «Juiz».

O relato vai certinho. Os faltosos culpam-se e defendem-se, de tal forma, que toda a gente vê como as coisas se passaram. Gilmar é mais esperto e goza com mais subtilidade. «Pichuta» não tem argumentos à altura, usa da irracionalidade, atirando-lhe com a tina.

O chefe está no seu posto. Analisa o custo do objecto partido, utilizando uma linguagem acessível; e, depois, a reacção pessoal de cada um — no momento da falta. Aplica castigo igual: — **Vão os dois ajudar a lavar a louça, um dia na copa.**

Eu vejo tudo. Os cento e cinquenta, atentos e comungantes. O chefe que eles elegeram. A formação da consciência de cada um. O dia de amanhã — que irão construir. A verdade que os nossos tribunais evidenciam. Valores que o mundo ignora.

Depois de encher a barriga, a gente também enche a alma!

• O Lion's Clube de Setúbal organizou, nos dias 4 e 5 deste mês, mais uma **Feira da Ladra** a favor da Casa do Gaiato. Começa a criar-se uma bonita tradição que eu desejo continuada: — **É o convívio deste Grupo de bem-fazer, o seu trabalho e sacrifício e o bater à porta de amigos e conhecidos — dá volta ao teu sócio e manda-nos algo para vendermos.** Depois, é o encontro com tanta gente que os procura na ânsia de encontrar algo para a sua colecção ou necessidade. É mais uma oportunidade de a Casa do Gaiato andar no pensamento e no coração das pessoas.

VAMOS FAZER FEIRAS DA LADRA PARA EVITAR LADRÕES

Espero, o ano que vem, dar aqui previamente a notícia e pedir aos de perto e de longe que nos mandem esses objectos, caídos em desuso, que outros procuram e pagam. É que estes nossos Amigos queixam-se da falta de matéria para cativar a clientela e atingir os valores desejados: — **São sempre as mesmas pessoas a dar! Até já começam a pôr em causa a continuação da Feira.** Ora eu não quero que nada os desanime. Cada ano, cada **Feira** — e o material não irá faltar. Vamos fazer **Feiras da Ladra** para evitar os ladrões!

Padre Acílio

*semelhante e dar-lhe, assim, aquilo a que tem direito; segundo, porque nem de longe sou a pessoa boa que vós me julgais. Não se trata de falsa modéstia; mas, sim, de coragem suficiente para reconhecer uma verdade.*

*Cada vez se torna mais frequente e intenso o desejo de me desfazer do que tenho (...) Tudo modesto, dado, usado e renovado por mim. Mas como a casa é o meu mundo, onde posso refugiar-me sem incomodar ninguém (nem ser incomodada — egoísmo?...); 'chorar' e sofrer as*

*minhas dores e 'chorar' sem 'chatear' (passe a palavra, mas é, aqui, a mais adequada) ninguém e, porque não sei para onde ir, vou-a guardando e vivendo... Até Deus o quiser.*

*Ainda este ano (mais uma vez!...) acalento o desejo de fazer uma peregrinação pelas Casas do Gaiato e Calvário — desejo antigo e nunca conseguido. O meu filho leva-me para Portugal (pelo menos disse-o...), mas até aí... Terei eu forças para calcorrear tanto?!*

Assinante 2838»

## NOTAS DA QUINZENA

Cont. da página 1

Não te preocupes com o dinheiro para matar a fome a esta família. Já lá chegou. É o mais fácil. O filho não sairá nunca da beira dos pais, enquanto a mãe puder e tiver um coração tamanho. Sinto-me pequenino e admirado diante de tanta beleza. Não sou nada diante do valor das lágrimas da mãe e não valho nada diante da coragem dela em dizer não à separação do filho.

Que seria do mundo se lhe faltassem estes espaços de humanização?! Dirás, como? Só o amor de mãe, moldado à semelhança do amor maternal de Deus pode explicar. Daí, o lugar da palavra Mistério — «Chorei com ela este Mistério».

Completa em ti o que falta à Paixão do Senhor Jesus presente no Marcos e sua família. É o «Vai e faze o mesmo» do Evangelho.

☆ A voz de que a nota anterior se faz eco vem dum homem da Igreja. É padre e pároco. À medida que os padres forem ocupando o seu lugar, mais queridos são pelo Povo e a Igreja aparece Mãe e Mestra. As comunidades vivas nascem e vivem do testemunho que dão pelo que fazem, mostrando ao mundo como se ama. Não há outro caminho para construir um mundo mais humano. Ali, onde ninguém chega, vai a Igreja. As parábolas da Misericórdia são pontos de referência seguros para quem deseja caminhar, em Igreja, com certeza. Coragem, pastores!

**AUTOCONSTRUÇÃO** — Ao fim da tarde, fui à busca da família com a casa em construção. O pároco havia dado o sinal. Outros recados chegaram, entretanto. Era um caso urgente. Como não havia estrada, a solução era pôr os pés a caminho. Vou descobrindo onde estão as verdadeiras alegrias da vida, à medida que mergulho na vida dos Pobres. Se alguém recebeu este dom não hesite em saboreá-lo até ao fim. Quem não deu conta dele ainda, não descanse até o encontrar. O carreiro, na subida do monte, levou-me onde queria ir. À porta da casa, a mãe de quatro filhos, com o bebé de mês e meio ao colo, parecia esperar quem há muito desejava ver. Mostrou-me a casa por acabar, mas onde já vive toda a família. Sabe que ainda falta muito para completar o que começou, mas não se queixa. Sorri com a certeza de que vai dar mais um passo em frente. Os Pobres — que o são de verdade — guardam sempre o tesouro da alegria, escondido no cantinho do seu coração, já que não têm mais nada para dar. Por isso, em contraste com os queixumes de quem já tem o necessário e, por vezes, muito mais, o «recoveiro dos Pobres» recebe um banho de felicidade, ao partilhar da alegria do coração pobre e humilde. «Levei tão pouco e recebi tanto...» — confessava Pai Américo, depois do seu encontro com os Pobres.

Dentro de pouco tempo, já não entrará mais água na placa, nem a humidade passará pelas paredes. E os quartos ficarão mais aconchegados.

Estas notas são uma sementeira de esperança para os que não acreditam. São um apelo suave e forte àqueles que têm fé, mas hesitam. São a certeza de que está em nossas mãos e nas de cada um a solução eficaz do muito que há para fazer.

Padre Manuel António

# Aqui, Lisboa!

Esta vida não é fácil e nem outra coisa seria de esperar, como calcularão os leitores. Continuamos com uma população à volta de 120 Rapazes e constantemente a ser solicitados para a admissão de mais gente. No fim do mês de Outubro já íamos com 193 pedidos, número que pecará por defeito. Acresce, para complicar as coisas, que o índice médio etário é bastante baixo, trazendo maiores exigências de atenção e de cuidados. As carências afectivas e físicas, para lá dos ambientes originais com as suas sequelas negativas, são aspectos a assinalar. De qualquer maneira, na perspectiva em que nos colocamos, tudo vale a pena. A ordem é a de semear, semear...

Deixou-nos Pai Américo, no seu testamento espiritual, que «a vida religiosa nas nossas comunidades seja o centro». Tem de residir aí uma das nossas grandes preocupações, que a falta de formação e de referências espirituais, num mundo pouco exemplar, em que só as paixões e o material contam, nada ajudam.

## CRIANÇAS ABANDONADAS

Cont. da página 1

sórias ou à experiência. Experimentada está ela por sofrimentos imerecidos; e de cobaia não deve ser o seu destino. O que ela precisa é de amor. E amá-la deve ser a vocação e a técnica dos que a acolherem, conscientes das dificuldades de que uma tal criança é portadora e dispostos a sofrê-la, que na dor reside o poder transformante do amor.

O amor é, pois, condição prévia para o acolhimento. Não é provisório nem à experiência. Só é autêntico o que se assume como dívida e dura até ao fim, tal como o de Jesus, Mestre e Redentor, que «in finem dilexit».

Está connosco, desde há pouco, um pequeno bem da nossa marca (ele próprio rejeita a família de sangue), que veio de uma colocação familiar temporária conseguida pelo Tribunal da Comarca. Foi bem tratado. Sentia-se bem. Começou a prender-se. Porém, o prazo de acolhimento terminou. Era urgente uma nova solução. E aí está o garoto sofrendo a dobrar a adaptação. Antes viesse directamente do seu meio original. Seria para ele menos duro. Assim, quando a ferida estava quase sarada, abriram-lha de novo. Sem má intenção...! Só que irreflectidamente.

Deslizes da técnica quando não acontece a definição de Pai Américo: «Técnico é aquele que ama».

Padre Carlos

Continuamos a ser a «porta aberta». Estimamos muito a presença dos nossos Amigos, mau grado a falta de senso de algumas pessoas que discriminam os Rapazes e saltam por cima de todas as regras de uma acção equilibrada, trazendo mais preocupações e trabalhos aos que dedicaram a sua vida, por inteiro, a esta tarefa.

Se a saúde fosse outra não deixaríamos de aparecer pelas igrejas da Capital e das zonas limítrofes. Assim, temos de ser parcos nas nossas pregações, actividade essencial, mais pela doutrina que pelos aspectos materiais obtidos.

Na nossa mente está a divulgação de O GAIATO, para que seja lido pelos nossos assinantes. Como tem sido mais de uma vez acentuado nestas colunas, não importa obter assinaturas por assinaturas, mas sim amigos que leiam o que aqui se escreve, na sua singeleza e humilde partilha. Poderão, eventualmente, aparecer divergências, mas a ninguém é lícito duvidar da nossa recta intenção de servir os homens, sobretudo os mais fracos e desprotegidos.

Respeitando embora a liberdade dos nossos Amigos, continuamos a aconselhar que devem remeter para a Casa da zona onde residem, os seus contributos, relativos a livros, assinaturas, etc., tendo em vista que, sendo a Obra uma, cada Casa é economicamente independente.

Relembramos que passámos a ter à nossa conta as Dioceses de Lisboa e de Santarém, no que diz respeito ao Património dos Pobres, tendo em



viستا dinamizar as comunidades cristãs no auxílio aos sem casa ou mal alojados. Já passámos por alguns lados a dar o recado e, entretanto, temos também emitido alguns cheques, o que nos agrada sempre. «Ajudar é um verbo cristão», como disse Pai Américo.

Finalmente, para prevenir os nossos Leitores, informamos mais uma vez, que não fazemos peditórios de qualquer espécie. Se alguém aparecer a fazê-los é mentira. Os estratagemas e os processos são os mais sofisticados. Ainda agora surgiram num escritório umas «senhoras» a pedir para a edição dum disco com a voz de Pai Américo, dizendo que tinha ficado mais caro do que o previsto e que a Obra precisava de ajuda para o efeito... Um senhor caíu com mil escudos...

Padre Luiz

## REFLECTINDO

DAR A NOVIDADE, LEVAR A NOTÍCIA

• O «Ide» do Senhor é cristalino como rio que brota na nascente. Límpido, e certo, corre pelas vertentes e vales. Imparável. Não hesita um só momento... Vai, simplesmente. Vence obstáculos. Contorna, precipita-se e espraia-se.  
«Ide». E eles foram.  
Não foi ontem, nem só aos Apóstolos.  
É hoje e a todos nós, baptizados: «Sede minhas testemunhas». Damos testemunho aos filhos e amigos: no bairro, na aldeia e na cidade. Testemunho de vida e de palavra.  
Dar a novidade. Levar a notícia.  
Como os dois de Emaús e as santas mulheres: «Vimos o Senhor! O Senhor é!»  
Ide. Se ficarmos parados, envoltos em nossas roupagens, o Senhor não nos conhecerá jamais.

• Todos nós estamos comprometidos com o «Ide» do Senhor:  
Pelo Baptismo, quando dissemos sim ao compromisso da educação cristã dos filhos e afillhados.  
Pela Profissão de Fé, no vínculo de união e identificação com Cristo.  
Pela Eucaristia: Assimilados por Cristo e mais situados como suas testemunhas.  
Pelo Matrimónio: «Os teus filhos serão como rebentos de oliveira em redor de tua mesa». Seiva e frutos.  
Finalmente, pela Ordem: «Configurados com Cristo-Sacerdote na construção do Reino pela total disponibilidade de tempo, de ocupação e de si próprios».  
Totalidade na entrega ao Senhor e aos Outros.

• Se pudéssemos sentir como o Senhor se entristece quando não somos fiéis ao testemunho prometido!  
O Seu olhar triste diante da negação de Pedro!  
A tristeza que li nos olhos dum Bispo ao confidenciar: «Cinquenta por cento dos meus sacerdotes não o são a tempo inteiro!»  
O «Ide» não tem saco, nem ordenado, nem «a lã e o leite das ovelhas». Também, não, fronteiras e tempo.

Padre Telmo

## CALVÁRIO

Filhos de Pobres com muitos filhos, onde o doente acaba por viver menos anos em consequência da falta do que superabunda tantas vezes em outros meios. Eles encontram-se, agora, no seio desta nova família do Calvário. Aqui, o padrão de vida é o da família cristã, onde o filho que chega é bênção que Deus dá. Mas estas crianças apresentam disformidades que as não tornam humanamente cativantes. E, sabendo da presença habitual de seres como estes, entre nós, visitantes não raro pedem para lhes não mostrem os anormais. Que não podem vê-los! Em boa verdade, todos receamos os seres anormais. E, talvez, porque traduzem qualquer coisa que poderia ter sucedido connosco. E temos ainda medo que suceda. A existência do mal físico no mundo é mistério que levanta controvérsia permanente; mas, eu tenho para mim que estes anormais são flagrantes que Deus nos prepara para considerarmos que a nossa normalidade não é obra do acaso, mas fruto do Seu querer.

Padre Baptista

## TRIBUNA DE COIMBRA

★ Muito boas impressões neste dia de Festa de Todos os Santos. Deliciei-me com o Casimiro e outro mais pequeno a conduzir o Paulo pequenino. Foram horas seguidas. Umas vezes ao colo. Outras, um de cada lado a pegar-lhe nas mãos. Depois, às cavaleiras. Punham-no num dos cavalos do carrocel e amparavam-no. Ofereciam-lhe coisas. Falavam com ele. Horas deliciosas que os não cansaram! Pensei no amor das mães quando têm amor. Nunca se cansam. Têm sempre mais para dar. Estão sempre a dar as mãos.

Alguns dos mais velhos disseram que o «Paulo pequenino está a ficar com muito mimo». Que bom se soubermos suprir a falta do amor de mãe que abandonou os filhos!

### QUADROS MARAVILHOSOS

★ O segundo quadro maravilhoso foi na igreja. Junto ao altar estavam os pais e os três filhos. No meio dos três filhos estavam mais dois que aqueles pais estão a criar. A certa altura a pequenina estendeu as mãos para a mãe adoptiva que a recebeu logo e a aconchegou ao peito até adormecer.

A filha carnal, de sete anos, partilhou de toda esta vida. Tantas vezes se voltou para a mãe e sorriu. Que cara alegre de partilha de amor fraterno! Quando a encontrar hei-de dar-lhe muitos beijos pela lição que me deu.

Cada vez sinto mais tristeza pelos que não querem filhos. Tristeza,

também, pelos pais que só querem um ou dois. Sei um pouquinho do sacrifício deste casal a criar cinco. Sei, também, da sua alegria e da alegria familiar de partilha naquele lar. São santos do nosso tempo.

★ À noite, passei junto de um acampamento de ciganos. Havia ali vida, como há a todas as horas. Junto da entrada estava uma tenda com todo o interior revestido de velas acesas, todas muito bem colocadas.

No caminho tinha encontrado muitas velas acesas em muitas janelas. Mas não tantas, nem em ordem como as do acampamento dos ciganos. Cultura popular. Era Dia de Todos os Santos. Foi Dia de Todos os Santos e os ciganos marcaram a sua presença.

★ Era já tarde quando cheguei ao cemitério daquela aldeia. O povo estava reunido em oração. A luz eléctrica iluminava bem a luz das velas e as cores de milhares de flores. Com a oração, havia muitas lágrimas de saudade e muitos sinais de esperança. O cemitério era bem um dormitório de fiéis.

Gostei muito da expressão daquela viúva junto do caixão do marido que morreu novo: «Nós sabemos que eles estão bem. Estão com o Senhor.» Eu creio na Comunhão dos Santos.

Padre Horácio



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285  
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898